

Encontrando Chapéuzinho Vermelho e Branca de Neve: a representação das personagens femininas em *Once Upon a Time*¹

Amanda PINHO²

Tony HUGHES-D'AETH³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

University of Western Australia, Perth, WA⁴

Resumo

O presente trabalho discute as representações da Chapeuzinho Vermelho e da Branca de Neve apresentadas pela emissora *American Broadcasting Company* (ABC) durante a primeira temporada da série *Once Upon a Time*. Objetivamos a identificação de características e significados essenciais à construção das personagens, ao longo de diferentes versões, e argumentamos, assim, que, a partir desses elementos, é possível encontrar as personagens dos contos de fadas na série, apesar da modificação de certos elementos narrativos na versão proposta pela ABC.

Palavras-chave: *Once Upon a Time*; contos de fadas; televisão; adaptação.

Introdução

Once Upon a Time é uma série televisiva lançada em 2011 pela *American Broadcasting Company* (ABC). Na série, diversos personagens de contos de fadas estão presos em uma cidade chamada Storybrook, sem saber quem realmente são, devido a uma maldição que lhes deixou desmemoriados. Ao mesmo tempo em que suas vidas sem memória são retratadas em uma época atual, o passado de cada personagem também é mostrado em um mundo encantado.

Consideramos que, tanto para a criação de qualquer produto televisivo, quanto para a adaptação de contos de fadas para qualquer outra mídia ou plataforma, é necessário levar em consideração a época de produção e a audiência intencionada. A comparação entre a tradição oral dos contos de fada e a produção audiovisual torna-se ainda mais observável ao salientarmos que, no que se refere ao consumo, ambos favorecem a criação e o fortalecimento de laços sociais.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante recém formada no Curso de Jornalismo da FACOM-UFPA, email: atorrespinho@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Associate Professor no departamento English and Cultural Studies na UWA, email: tony.hda@uwa.edu.au

⁴ Trabalho desenvolvido durante mobilidade acadêmica internacional na University of Western Australia, UWA.

Esse trabalho visa analisar a construção e a representação de duas personagens femininas em *Once Upon a Time* durante a primeira temporada da série, exibida nos Estados Unidos de 23 de Outubro de 2011 à 13 de Maio de 2012: Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve. Quais são as características necessárias para identificarmos a professora Mary Margaret e a guerreira que deseja tomar o reino da Rainha Má como a mesma Branca de Neve presente nas histórias que costumávamos ouvir quando crianças? É possível identificar Ruby, a já crescida garçonne, como a inocente Chapeuzinho Vermelho? Quais significados dessas personagens são perdidos e/ou mantidos na representação da ABC?

Para responder tais questionamentos, diferentes adaptações das personagens serão apresentadas e discutidas. Visamos a identificação de um significado essencial característico de cada uma delas ao longo de diversas versões, que será, em seguida, comparado com suas representações em *Once Upon a Time*. Explicamos as definições de eventos constituintes e complementares em narrativas, assim como apresentamos um apanhado geral sobre televisão e a tradição oral dos contos de fadas. Além disso, sugerimos que os telespectadores conseguem, sim, identificar nas personagens de *Once Upon a Time* as mesmas dos contos de fadas, independentemente da manutenção ou da mudança de certos elementos e características dessas personagens ao longo da narrativa contada pela ABC.

Adaptando contos de fadas

Há tempos os contos de fadas fazem parte da imaginação e do imaginário popular. Inicialmente enraizados na tradição oral, eles costumavam ter o intuito de contar histórias e partilhar informação e conhecimento, principalmente entre os mais velhos.

De acordo com Jack Zipes, “os contos de fadas são reflexões da ordem social de uma dada época histórica e, como tais, eles simbolizam as aspirações, as necessidades, os sonhos e os desejos das pessoas” (ZIPES, 1979, p. 05, tradução nossa). Afirmar que os contos populares ou os contos de fadas são construídos social e historicamente é reconhecer que eles tendem a sofrer transformações enquanto forem contados, e que essas modificações se darão de acordo com cada época.

Os Irmãos Grimm, por exemplo, cujas versões de contos de fadas são tão bem conhecidas até hoje, começaram a coletar contos tradicionais orais ainda em 1806. Ainda assim, eles também se encontravam em um local específico, em um dado período de tempo, visando uma audiência também específica. Em outras palavras, isso significa que eles

também adaptaram seus contos, como mencionado por Anna Chaudhri e Ellis Hilda Davidson:

A coleção dos Irmãos Grimm foi editada não menos do que sete vezes e a diferença entre essas edições é visível, com omissões e adaptações notáveis, de maneira a melhor satisfazer o gosto popular do século XIX (CHAUDHRI; DAVIDSON, 2003, p. 01, tradução nossa).

Em *The Cambridge Introduction to Narrative* (2008), H. Porter Abbott apresenta os conceitos de eventos constituintes e complementares. De acordo com o autor, o primeiro representa “eventos que são necessários à história, que a direcionam em frente” (ABOTT, 2008, p. 24, tradução nossa), enquanto que o segundo refere-se a “eventos que não direcionam a história em frente e que, sem os quais, a história ainda permaneceria intacta” (ABOTT, 2008, p. 24, tradução nossa).

Argumentamos, então, que, desde sua origem, os contos de fadas mantiveram, em grande parte, seus eventos constituintes, e tiveram seus eventos complementares modificados, em especial, de acordo com a audiência a qual os narradores se dirigiam, a mídia à qual a história era produzida e a época em que tal adaptação era realizada.

Contos de fadas e televisão

A televisão foi introduzida ao cotidiano popular um pouco mais recentemente do que os contos de fadas, mas também influencia e é influenciada pelo imaginário popular. Quase um século depois, e apesar de todas as suas mudanças, a televisão continua a ser um meio que une as pessoas e faz com que seus espectadores comentem sobre seus programas dia após dia, conforme menciona Gorton (2009, p. 32, tradução nossa):

Formas interpessoais de mídia, como a televisão, são integradas ao dia-a-dia das pessoas. Muitas famílias, por exemplo, têm televisores em suas cozinhas e/ou quartos, assim como no principal cômodo familiar... Enquanto uma ferramenta social de conteúdo variado, a televisão é algo que as pessoas comentam sobre, tanto em grupos, quanto ao redor do bebedouro ou em fóruns online.

Estabelecendo uma relação entre a televisão e os contos de fadas, Zipes argumenta que, ao unir as pessoas, a TV, assim como o rádio e os filmes, pode se assemelhar à tradição oral dos contos populares e de fadas.

Foi o rádio, depois os filmes, e finalmente a TV, que conseguiram unir grandes grupos de pessoas como os primeiros contadores de contos populares faziam e apresentar histórias como se elas fossem derivadas do ponto de vista dessas próprias pessoas (ZIPES, 1979, p. 16-17, tradução nossa).

Se os meios são similares, no sentido de que eles possibilitam a criação e a manutenção de laços sociais, o que significa incorporar histórias oriundas dos contos de fadas à telinha? De acordo com H. Porter Abbott, a maior mudança ao se contar uma história oralmente, na mídia impressa ou na televisão é “o grau em que a presença da imagem visual absorve atenção” (ABBOTT, 2008, p. 79, tradução nossa). Assim, adaptar contos de fadas à um programa de TV, como *Once Upon Time*, possibilita, tanto a seus criadores quanto à própria audiência, a brincarem com a imaginação.

É possível completar, de maneira conveniente, as lacunas que possivelmente permaneceram sem resposta em versões anteriores. Como explica Adam Horowitz, aqui traduzido, Co-criador e Produtor Executivo do show, no site oficial da ACB:

Nós acabávamos voltando à ideia dos contos de fadas. Àquelas primeiríssimas histórias que você ouve quando criança. Elas são cheias de magia e heroísmos e medo e alegria. Mas nós também acreditávamos que os contos de fadas estavam cheios dessas perguntas sem respostas. Por que o Zangado é zangado? Por que o Gepeto é tão solitário a ponto de criar um garoto de madeira? E a Rainha Má? Será que ela realmente tentou matar a Branca de Neve por pura vaidade? Com *Once Upon a Time*, nós nos propomos a trabalhar essas perguntas e não simplesmente a re-contar essas histórias, mas a tentar explorar além do que já sabemos e assim descobrir algo novo.

As personagens

Pressupomos que quase todos nós já tivemos algum contato com ao menos uma ou duas versões de ambas Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve. Como reconhecemos e aceitamos essas versões? O que precisamos para identificar Mary Margaret como a Branca de Neve e Ruby como a Chapeuzinho Vermelho em *Once Upon a Time*?

Como podemos afirmar com certeza que uma dada história é uma história em particular e não uma outra história qualquer? O que é necessário para que a história da Cinderela seja a história da Cinderela? Quando a história da Cinderela deixa de ser a história da Cinderela e passa a ser outra história? (ABBOTT, 2008, p. 21).

Para tentar responder a tais perguntas, nos direcionamos agora a identificar alguns dos eventos constituintes e complementares em ambas as personagens, discutindo, em seguida, como elas são representadas e/ou modificadas no seriado transmitido pela ABC.

Branca de Neve

Visando o estabelecimento de um significado essencial à personagem Branca de Neve, devemos, primeiramente, buscar a identificação dos eventos constituintes de sua

história. Podemos considerar enquanto eventos que certamente contribuem para o avançar da narrativa: 1) as dificuldades impostas por uma Rainha Má; 2) a presença de um príncipe encantado e ideia do amor verdadeiro e 3) a relação construída entre a Branca de Neve e os Sete Anões.

Zipes acredita que a versão da Disney sobre a história "modificou o foco para os anões, os quais desenvolvem um papel apenas secundário no conto [dos Irmão Grimm]" (1979, p. 114, tradução nossa). Assim, acreditamos que, mesmo esses eventos responsáveis pelo desenrolar da trama, podem apresentar diferentes graus de relevância em cada versão.

Na primeira temporada de *Once Upon a Time*, a Rainha Má é apresentada ainda no primeiro episódio. Conforme anteriormente mencionado, os roteiristas do seriado brincam com possíveis lacunas dos contos, apresentando informações adicionais, que justifiquem, por exemplo, os motivos que levaram a Rainha Má a perseguir a Branca de Neve com tamanha veemência. Consideramos que as tentativas da Rainha Má de manter a Branca de Neve cada vez mais longe de seu final feliz também seja um evento constituinte da história apresentada pela ABC.

Do mesmo modo o é a presença do Príncipe Encantado, ou David, no mundo real. Antes mesmo de recuperar suas memórias, Mary Margaret e David se apaixonam perdidamente, enquanto que a Rainha Má do século XXI, a prefeita Regina, faz tudo o que pode para mantê-los afastados.

Com relação aos sete anões, a série apenas apresenta-os como um grupo, do qual o Zangado parece ser o líder e é quem constrói uma amizade mais sólida com a professora Mary Margaret. Apesar de não terem um papel de tamanha relevância na série, a simples presença de tais personagens já reforça a ideia de que representam, ainda, um evento constituinte à história, ainda que com um diferente grau de importância.

Com isso em mente, nos voltamos agora à discussão sobre o papel de personagens femininas na televisão.

Representações televisivas de mulheres, trabalho e família mudaram drasticamente desde os anos dourados da rede... A televisão atual apresenta uma terceira onda de influência do feminismo... introduzindo representações importantes mais variadas com relação à raça, à sexualidade, e às escolhas que as mulheres fazem entre trabalho e família (PRESS, 2009, p. 139, tradução nossa).

No mundo encantado de *Once Upon a Time*, a Branca de Neve é mostrada como a guerreira que empunha arco e flecha em campos de batalha e é procurada por crimes contra

a Rainha. Ao mesmo tempo, a professora Mary Margaret do mundo real é vista como frágil, quase inocente demais.

Retornando à ideia da influência da audiência, podemos dizer que, por exemplo, a Branca de Neve apresentada pela Disney, com todas as suas características, era a que melhor satisfazia os Estados Unidos pós-depressão. Pode ser o caso de que, agora, em *Once Upon a Time*, “uma terceira onda de influência do feminismo” (PRESS, 2009, p. 139, tradução nossa) requisite uma Branca de Neve que lute, literalmente, por seus ideais, mas que sonhe com seu Príncipe Encantado, ao mesmo tempo em que mantém relacionamentos casuais enquanto ele não aparece, como é o caso de Mary Margaret.

Chapeuzinho Vermelho

Semelhante à identificação dos eventos constituintes e complementares previamente apresentada, Anna Chaudhri e Ellis Hilda Davidson, em *A Companion to the Fairy Tale* identificam o que chamam de marcadores da Chapeuzinho Vermelho, “que podem ser tanto uma característica fundamental como algum elemento especial” (CHAUDHRI; DAVIDSON, 2003, p. 18, tradução nossa).

Para as autoras, a característica mais importante do conto é “o encontro da garotinha de capa vermelha com um lobo” (CHAUDHRI; DAVIDSON, 2003, p. 18, tradução nossa). Porém, é através de uma drástica mudança a essa concepção, assim como a partir de mudanças tanto nos eventos constituintes e complementares que *Once Upon a Time* nos apresenta sua Chapeuzinho Vermelho, tornando Ruby uma das personagens mais interessantes da trama.

Do mesmo modo que uma língua sempre muda enquanto estiver viva, assim as histórias também estão em constante mudança, não apenas em seus eventos constituintes e complementares, mas também em suas personagens, seus cenários, e em uma infinita gama de detalhes mais e mais delicados referentes à forma e conteúdo (ABBOT, 2008, p. 24, tradução nossa)

Um desses detalhes, na história de Ruby, além do fato de ela estar longe de ser uma garotinha, é que ela não só *não encontra* com um lobo, como ela *é* o lobo. No mundo real ela é uma garçonete na lanchonete *Granny's* (ou “Da vovó”), que se veste quase que exclusivamente de vermelho e tem um chaveiro em formato de lobo.

É somente no 15º episódio da primeira temporada que somos introduzidos à história de Ruby no mundo encantado. É noite de lua cheia e o reino está preocupado com a

possibilidade de que os lobos ataquem novamente. Já próximo ao fim do episódio, a Vovózinha revela que a transformação em lobo é algo recorrente na família e tanto a Chapeuzinho Vermelho quanto a audiência descobrem a condição da personagem ao mesmo tempo.

É possível associar a interpretação da história da Chapeuzinho Vermelho na série da ABC à saga Crepúsculo, de Stephenie Meyer, que também aborda histórias de lobos. Não buscamos discutir nem especular se uma se baseia na outra, em especial porque *Once Upon a Time* não é unicamente construída a partir de um único conto de fada, mas de uma coletânea de grande parte deles que acaba por construir outra versão, inédita e singular.

Acreditamos, entretanto, que certas representações podem ser culturalmente influenciadas, o que significa dizer que, mesmo involuntariamente, produções culturais podem exercer mútua influência e salientamos que a televisão é um ambiente propício para tanto.

Eles [contos de fadas] continuam crescendo – abraçando, se não engolindo, todos os tipos de gêneros, formas artísticas, e instituições culturais, não apenas se adaptando à novos ambientes através da disposição humana de re-criar narrativas relevantes, mas também através de tecnologias que tornam sua difusão mais fácil e efetiva (ZIPES, 2012, p. 22, tradução nossa).

Considerações Finais

Ainda que possa ser argumentado que *Once Upon a Time* não representa o gênero dos contos de fadas, foi salientado, durante o presente trabalho, que a produção da ABC é igualmente influenciada por sua audiência, assim como pela época em que está sendo produzida. É esperado que a série aqui em análise represente seus personagens da maneira que melhor satisfaça tanto sua audiência quanto seus produtores.

Além disso, tradicionalmente, os contos de fadas se reciclam ao longo do tempo, variando conforme a época em que são transmitidos, à audiência a que são destinados e à mídia na qual são produzidos.

Anna Chaudhri e Ellis Hilda Davidson argumentam que “enquanto um trabalho artístico, contos de fadas podem sustentar diferentes interpretações, especialmente conforme vão se modificando a partir de interações com novos narradores, novas audiências/leitores, novas circunstâncias sociais” (CHAUDHRI; DAVIDSON, 2003, p. 30, tradução nossa).

Assim, tal característica acaba por aproximar a produção televisiva da tradição dos contos de fadas, e é dessa forma que os personagens dos contos de fadas são representados pelo seriado da ABC. Além disso, foi argumentado que essa relação de semelhança entre a televisão e os contos de fadas pode ser ainda mais perceptível a partir da ideia de que ambos são capazes de unir pessoas e criar e reforçar laços sociais.

No caso de *Once Upon a Time*, tanto sua audiência quanto seus narradores aceitam as representações oferecidas da Branca de Neve como aquela que busca vingança depois de ter sido enganada por diversas forças do mal, por exemplo, e o mesmo pode ser dito das imagens da Chapeuzinho Vermelho e do Lobo Mal, ao serem apresentadas como um único personagem.

Referências Bibliográficas

ABOTT, H. P. **The Cambridge Introduction to Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

CHAUDHRI, A.; DAVIDSON, E. H. (Ed.) **A Companion to the Fairy Tale**. Cambridge: D. S. Brewer, 2003.

GORTON, K. **Media Audiences: Television, Meaning and Emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.

Once Upon a Time. Diretor: Dean White. ABC Network, 2011. Série Televisiva.

Once Upon a Time: about the show. ABC Network, 2011. Disponível em: <<http://abc.go.com/shows/once-upon-a-time/about-the-show>>. Acesso em 18 Abril 2013.

PRESS, A. Gender and Family in Television Golden day's and beyond. American Academy of Political and Social Science, **The End of Television? Its Impact on the World (So Far)** Vol. 625, 139-150, 2009. Disponível em: <http://www.academia.edu/4081611/Gender_and_Family_in_Televisions_Golden_Age_and_Beyond ANNALS OF THE AMERICAN ACADEMY OF POLITICAL AND SOCIAL SCIENCE> Acesso em 18 Abril 2013.

ZIPES, J. **Breaking the magical spell: Radical Theories of Folk and Fairy Tales** London: Heinemann London, 1979.

ZIPES, J. **The Irresistible Fairy Tale**. Princeton: Princeton University Press, 2012.